

## A LEITURA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA APAIXONANTE

Elma Luzia Corrêa Scarabelli

É comum ouvir, nos nossos dias, que os alunos não gostam de ler, que a prática da leitura em sala de aula é pouco atrativa, que as aulas de leitura são cansativas e desagradáveis. Por outro lado, vemos que o mercado da leitura tem crescido a olhos vistos, dia a dia. A indústria da leitura tem se esforçado muito para colocar o povo, mais restritamente o jovem, em contato com os livros. Nunca se viu, no Brasil, uma oferta tão significativa (em quantidade e qualidade) de livros infanto-juvenis. Mas a tarefa de construir leitores é destinada à escola, esta escola despreparada, perdida em seus próprios caminhos e propósitos.

Ângela Kleiman (1995) diz que “*Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura*”. Compartilho dessa premissa, sei ser esta a tônica e, neste artigo, pretendo analisá-la criticamente de acordo com a realidade em que vivo, sem, no entanto, esgotar o assunto, abrindo oportunidades para novas reflexões.

Ter paixão pressupõe, em primeira mão, que o profissional em educação tenha desenvolvido este sentimento

pelos livros; que ele esteja contaminado por esta paixão e seja capaz de irradiá-la como prática pedagógica. Necessário se faz, neste contexto, estimular, seduzir propriamente o leitor ora principiante e introduzi-lo no mundo da leitura com cautela, de forma que esse contato se torne agradável e paulatinamente se torne fonte de prazer e descoberta.

Precisamos, sem dúvida, nos apaixonar pela leitura, ter para com os livros sentimento de cumplicidade para irradiá-lo aos discentes. Mas, aqui no Mato Grosso do Sul, os docentes de minha época, em sua maioria, estão distantes desta “paixão”. O professor (principalmente o de escola pública, onde o contingente é maior) é muito mal remunerado. Não vou me ater à descrição da situação deste profissional, da sua auto-imagem, do valor que a sociedade lhe imputa, que se vê por um lado na posição daquele que sabe e conhece as possibilidades de uma vida melhor, mas a ela não tem acesso por questões econômicas advindas da política de desvalorização do profissional em educação que por ora ocorre em nosso país. No entanto, estas questões são o cerne de toda uma problemática e, quer queiramos ou não, estão ligadas intimamente ao processo de formação do leitor, sem contar o fato de que a atividade intelectual nunca ocupou lugar de destaque em nossa sociedade. Somos um povo dado às atividades práticas. O leitor, principalmente o masculino, sempre foi visto como aquele que, por preguiça ou incapacidade, não conseguiu se afirmar como pessoa, sendo a leitura, para ele, um mecanismo de fuga. A atividade intelectual, por isso, é considerada de pouca utili-

dade pragmática e é normalmente destinada às mulheres; portanto, relegada a segundo plano.

Grande parte dos textos trabalhados em sala de aula, sobretudo os de 1º e 2º graus, são, em sua maioria, textos retirados de livros didáticos. Raros são os casos em que são utilizados os jornais e as revistas com os documentários completos que possibilitem que o jovem leitor apreenda o assunto e tenha, com o auxílio dele, uma visão panorâmica do contexto, de modo que lhe seja possível compreender o ângulo de visão que o escritor do texto mostra.

Os textos utilizados pelos professores em sala de aula são, portanto, partes fragmentadas (trechos de obras literárias, de reportagens jornalísticas etc...) e no que se refere à ampliação de conhecimento, funcionam como os *slogans* de propagandas, os *trailers* de realidade que mostram o mundo em *flashes*. E são estes fragmentos, classificados com toda ênfase como textos para TRABALHO DE LEITURA EM SALA DE AULA. É interessante notar que, mesmo os autores de livros didáticos, que se dizem modernos, ainda utilizam esta técnica, sem atentar para o efeito que a fragmentação provoca na formação intelectual do "ser" ainda em formação.

Além do mais, os fragmentos, ao invés de serem utilizados como instrumento no processo de aquisição da prática da leitura, são pretextos para estudo do vocabulário, ortografia, sintaxe, teoria literária e análise dos sentimentos dos personagens. Por mais interessantes que possam ser, estes textos não deixam de ser *informações*

*descontextualizadas*, quando muito como que citações sobre um determinado assunto. Se o objetivo da utilização deles for o da análise gramatical, certamente são eficazes; mas se for da formação efetiva do leitor, a tentativa pode fracassar, uma vez que é comum encontrarmos alunos, saídos do segundo grau, que demonstram conhecer o processo de leitura de palavras, mas não entendem o que lêem. Demonstram grande dificuldade de compreensão. Não lêem efetivamente nem detêm a chave deste conhecimento. Por isso, é compreensível o fato de que ninguém gosta de fazer aquilo que não sabe ou acredita não ter habilidades para fazê-lo.

Este processo de fragmentação de informações pode não parecer tão significativo se não atentarmos para as produções escritas de grande parte dos alunos que chegam ao terceiro grau. Estas redações contêm informações sim, mas soltas, como que manchetes de jornais. A exemplo dos textos trabalhados em sala, não apresentam aprofundamento que demonstre haver, por parte do leitor, o hábito de refletir. As idéias fragmentadas, observadas anteriormente nas aulas de leitura, são refletidas nas afirmações truncadas, caracterizando uma incoerência semântica.

A oportunidade de propiciar a efetiva interlocução entre os sujeitos constituídos -autor e leitor- e a possibilidade de produção de um texto coeso e coerente, perde-se nesta prática de leitura de fragmentos. Além disso, ocorre a desmotivação do leitor, pois trabalhar horas a fio com perguntas e respostas e longas observações da gramática empregada, sem a observação de que o texto é

“um todo coeso” e indivisível, é mera perda de tempo. Todavia, se visto como análise lingüística, tem seu valor, não nego sua utilidade, entretanto se o objetivo primeiro é despertar o jovem para a leitura, mais valioso será deixar que o leitor, ora principiante, trave com o texto uma relação de cumplicidade, ou então que lhe seja dado o direito de selecionar suas leituras de acordo com suas preferências, necessidades ou o próprio contexto, tendo em vista que o leitor se representa neste processo de interação leitor-autor. Orlandi (1983 : 172) analisa o assunto e é exatamente neste sentido que entendo o trabalho de leitura em sala de aula

*“A leitura é o momento crítico da constituição do texto, é o momento privilegiado da interação, aquele em que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao se constituírem como tais, desencadeiam o processo de significação do texto”.*

É este o momento privilegiado de efetiva interação que o leitor se constitui e interage com o produtor. À medida que lê, se representa, se identifica ou não com o autor. O que, em outra prática, é aula de leitura cansativa e monótona, passa agora ao espaço de encontro entre dois seres, distantes fisicamente, mas que, no momento da leitura, se encontram e se constituem; se comunicam efetivamente. No entanto, você, leitor, com quem ora interajo, pode estar se perguntando se esta não é uma postura romântica, desvinculada da realidade, que devo estar em outro mundo, que meu posicionamento seja utópico, que as crianças com as quais trabalhamos no dia-a-dia são crianças

reais, problemáticas, difíceis até. E eu concordo. O trabalho na escola não é este paraíso visto por muitos pedagogos que estão distantes do processo efetivo de sala de aula, que estudam e discutem sobre a escola, mas nela não estão presentes. Para falar com propriedade sobre o assunto, é preciso estar na escola, na sala de aula, junto com a criança. É preciso adentrar seus mundos, conhecê-los; traçar juntos objetivos, traçar metas e métodos, afinal, o processo ensino-aprendizagem só acontece quando ensinante e aprendiz estão em sintonia.

Mas, afinal, por que não tornar apaixonante o mundo da leitura? É possível descobrir prazeres neste mundo da leitura? Barthes (1987) e Bellenger (1978) tratam o assunto de maneira tão clara que me senti amparada a analisar o processo de leitura e produção que ora observo e que são resultado desta prática de leitura-pretexo de interpretação. Segundo estes autores, a atividade insípida e cansativa de decifração de palavras, a chamada LEITURA EM SALA DE AULA, nada tem a ver com a atitude interativa e feiticista descrita tanto por Barthes como por Bellenger.

Despertar o gosto, o prazer da leitura é propiciar ao leitor desvendar os mundos secretos e até mesmo eróticos do outro, buscando a intersecção dos mundos e o saber que não se está só. Barthes apresenta alguns modos de prazer. Entre eles está o feiticista -que vem de feitiço- caracterizado pelo prazer do contato com as palavras ou o jogo delas. Ler, de acordo com esta teoria, é identificar-se com o apaixonado, com o místico, com o erótico. O leitor deixa-se levar pelo fascínio, pelo ero-

tismo das construções e em estado de êxtase prova-lhes os bocados. E no sentido físico das palavras, extasia-se com a sensação gostosa advinda do contato físico das palavras com os órgãos do sentido e com elas viaja, deixa-se levar, percorre outros mundos, embalado nos sons destas construções prazerosas. O leitor, de alguma forma, vive as emoções descritas; identifica-se com a obra; entrega-se a ela. E como o pássaro, fascinado pelo brilho inescrupuloso do olhar da cobra faminta, entrega-se à volúpia da narrativa, abrindo o parêntese do imaginário e, pouco a pouco, vai abolindo o mundo exterior. É comum perceber este estado de enlevo nos estudantes/leitores. Os olhos correm as linhas em movimentos rápidos. Há uma certa beleza dramática em suas feições. Neste instante, no espaço físico, encontra-se somente o corpo; a alma ali já não está. Teletransportou-se para o mundo fluídico da narrativa. Sabemos então termos formado o leitor.

## BIBLIOGRAFIA

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa : Ed. 70, 1988.
- BAUDRILLARD, J. *Da sedução*. Campinas : Papyrus, 1991.
- KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura - teoria & prática*. 3.ed. Campinas : Pontes, 1995.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funciona-*

*mento*. São Paulo : Brasiliense, 1983.

ZILBERMAN, R. & SILVA, E. T. da (org.) *Leitura. Perspectivas Interdisciplinares*. São Paulo : Ática, 1988.